

## O LEITOR E A LEITURA *NA* E *DA* CULTURA DIGITAL: DIVAGAÇÕES TEÓRICAS A PARTIR DA IMERSÃO EM *WATTPAD*, UMA PLATAFORMA DE AUTOPUBLICAÇÃO VIRTUAL

Jennifer da Silva Gramiani Celeste<sup>1</sup>

DOI: <https://doi.org/10.34019/1983-8379.2025.v18.49441>

**RESUMO:** Para além dos muitos suportes propiciados pelo advento das novas tecnologias digitais, as possibilidades de leitura na contemporaneidade conectada também são diversas, e as plataformas de autopublicação virtuais e *websites* do gênero têm contribuído para uma maior dinamicidade da atividade em questão. Diante disso, o presente artigo coloca em debate a interatividade inherente ao universo das telas no que diz respeito à prática de leitura, partindo do contexto proporcionado por uma plataforma de autopublicação virtual chamada *Wattpad*, o principal objeto de pesquisa de uma tese de doutoramento defendida na área de Letras: Estudos Literários. Para maior e mais profunda discussão, alguns estudiosos foram eleitos, como é o caso de Roger Chartier (1999), Lucia Santaella (2004) e Katherine Hayles (2012). A supramencionada plataforma expande os horizontes não somente de quem escreve, mas, especialmente, de quem lê, promovendo imersão interativa aos *wattpaders* que estão em meio às telas, requisito *sine qua non*<sup>2</sup> para ler, ser e estar no mundo moderno.

**Palavras-chave:** Intermidialidade; leitores; leitura; literatura eletrônica; *Wattpad*.

## THE READER AND READING *IN* AND *FROM* DIGITAL CULTURE: THEORETICAL DIVAGATIONS FROM IMMERSION IN *WATTPAD*, A VIRTUAL SELF-PUBLISHING PLATFORM

**ABSTRACT:** Beyond the many supports afforded by the advent of new digital technologies, the possibilities for reading in today's connected world are also diverse, and virtual self-publishing platforms and similar websites have contributed to the greater dynamism of this activity. Therefore, this article discusses the interactivity inherent in the world of screens in relation to reading practice, drawing on the context provided by a virtual self-publishing platform called *Wattpad*, the main research topic of a doctoral thesis defended in the field of Literature: Literary Studies. For a broader discussion, some scholars were selected, such as Roger Chartier (1999), Lucia Santaella (2004), and Katherine Hayles (2012). The aforementioned platform expands the horizons not only of writers, but especially of readers, promoting an interactive immersion for *wattpaders* who are surrounded by screens, *sine qua non* requirement for reading, being, and existing in the modern world.

<sup>1</sup> Doutorado e Pós-Doutorado em Letras: Estudos Literários (Universidade Federal de Juiz de Fora, 2023 / 2024). Brasil. E-mail: [djeceleste@gmail.com](mailto:djeceleste@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7869-4522>.

<sup>2</sup> Termo em latim para “sem o qual não pode ser”, “essencial” e/ou “indispensável”.

**Keywords:** Electronic literature; intermediality; readers; reading; *Wattpad*.

## Introdução

Nossas leituras sobre as muitas interfaces dialógicas entre Literatura e Cultura Digital conduzem-nos a afirmar que novas manifestações de escrita pressupõem diferentes formas de letramento e, como consequência natural de tal fato, implicam a necessidade da instauração de modos de leitura outros, pertinentes às alterações do curso. Por essa e outras alegações pares, a histórica batalha estabelecida entre os sistemas culturais analógico e digital, sob a luz dos holofotes aos quais os submetemos, torna-se algo obsoleto. Cremos ser difícil continuar a sustentar o embate de que uma forma de imersão é melhor se comparada à outra ou, ainda, que esta em relação àquela faz-se capaz de acarretar incontáveis reveses ao indivíduo que a escolhe praticar. Existe uma razão lógica para nossa argumentação, pois tomamos como alicerce o fato de que se a transição entre culturas manuscrita e impressa fora assinalada pela invenção da prensa de Gutenberg – o que impôs modulações inusitadas às atividades de escrita e leitura, ainda que tal fenômeno tenha sido conivente à força acumulada pela prática manual do escrever para fins de publicação e divulgação cultural –, também podemos cogitar, diante disso, situação similar para o que acontece em seara na qual o uso dos dispositivos de natureza eletrônica passa a ser, a cada dia, a condição soberana de conexão e sobrevivência nesta temporalidade hiperconectada e informatizada; ou seja, na cena contemporânea.

Por isso, desde já aqui nos imbuímos da clarificação quanto ao fato de que este artigo não se encarregará de defender ou acusar, como em um julgamento, vertentes da escrita e suas possibilidades de leitura. Mais precisamente, sugerimos um cotejo amigável entre as distintas formas de imersão textual, até porque, abordar sobre a leitura que ocorre na interface *online* corresponde a um tópico de discussão, tal como qualquer outro, condicionado à partida de um ponto específico, o qual, nesse caso, equivale à prática de leitura realizada no meio impresso.

Diante destes imprescindíveis esclarecimentos, eis portanto a apresentação do estudo. O presente artigo é parte constituinte de uma tese de doutoramento defendida em Letras, com foco especial no campo dos Estudos Literários.<sup>3</sup> A pesquisa se prestou a desbravar as práticas de produção literária realizadas em *Wattpad*, uma plataforma de autopublicação virtual, partindo, para tanto, das obras de duas *wattpaders*,<sup>4</sup> a estadunidense Anna Todd, autora da saga *After* (2014), e Lúcia Lemos, brasileira, responsável por *Aika* (2015). Dentre os vários tópicos abordados no decorrer do estudo, um deles se refere àquele trazido ao conhecimento por este texto, no qual são reunidas algumas relevantes divagações a respeito das formas de ler, ser e estar leitor na contemporaneidade predominantemente digital. O trajeto é construído com base nos aportes teóricos ofertados por Roger Chartier (1999), Lucia Santaella (2004),

<sup>3</sup> Clique aqui para o próximo capítulo: as (ciber)potencialidades literárias de *Wattpad* (2023) corresponde à tese da qual o artigo em desenvolvimento se origina, tendo sido defendida através do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários pertencente à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. O trabalho esteve sob a orientação do Prof. Dr. Rogério de Souza Sérgio Ferreira.

<sup>4</sup> Nomenclatura utilizada para se referir aos utentes de *Wattpad*, sejam eles escritores ou leitores.

Katherine Hayles (2012) e outros. Em linhas gerais, o artigo em voga se propõe a apresentar possibilidades de reflexões acerca do ato de leitura perante as muitas telas e, por conseguinte, as repercuções do feito aos olhares dos leitores do mundo moderno.

### 1. Ler, ser e estar na era das telas: algumas reflexões

Em *A aventura do livro*: do leitor ao navegador (1999), Roger Chartier teoriza sobre a faceta eletrônica que o texto passara a assumir em virtude da disseminação das máquinas e do conhecimento acerca de suas potencialidades, mas ao registrar suas impressões factuais, parte dos paralelismos entre o impresso e o digital. Primordialmente, o ponto explorado concerne à relação tático entre o suporte textual e o seu respectivo leitor. De um lado, o códice é colocado sobre uma superfície que viabiliza a leitura, bem como o seu passar de páginas. Quando não é possível dessa maneira proceder, o livro é então sustentado com o auxílio das mãos. Do outro, o texto de caráter virtual profetiza o distanciamento corporal. Enquanto ao leitor do material impresso o *toque* – e os demais sentidos humanos, segundo Alberto Manguel em seu título *Uma história da leitura* (2004) – é fator imprescindível às aventuras fictícias ou reais promovidas pelo autor de uma obra, o *touch* é o estatuto da nova era. O *mouse* de Engelbart pode ser aqui entendido, para além de sua original funcionalidade, como uma estratégia de aproximação entre homem e dispositivo; a criação de um apêndice corporal. As telas *touch*, presentes em *smartphones*, *tablets* e também *e-readers*, revolucionaram o contato do usuário para / com a conexão de universos que caracteriza a premissa básica da *World Wide Web*.

Um ou dois toques sobre telas conduzem o leitor-internauta à exploração do título selecionado à leitura, e mais: proporcionam-lhe, os referidos toques, alcançar as outras tantas faces que a narrativa em questão pode oferecer, pois ler nos espaços propiciados por novas tecnologias sugere ler, em proporções muito similares, um panorama ainda maior que acolhe a história em destaque, com direito de acesso aos pronunciamentos dos autores e às teorias formuladas por leitores-fãs. Portanto, a ideia de que as máquinas instauraram o afastamento entre leitores e textos é deveras equivocada quando apresentada e posta em debate nos dias atuais. Por óbvio, sabemos que os computadores e outros equipamentos pares impuseram um modo distinto de contatar a Literatura, tanto no que tangencia à sua feitura quanto àquilo que diz respeito à sua imersão, sendo esse último o mote de interesse do artigo.

Neste contexto, esclarecemos aqui nos referir ao fato de que um leitor, até então enclausurado em sua própria *torre de marfim* – em alusão às teorizações reunidas em *O leitor como metáfora*: o viajante, a torre e a traça (2017), de Manguel –, desloca-se do abrigo e adere à cultura do compartilhamento, indo ao total encontro das outras perspectivas de leitura ou imersão textual, desfazendo-se de estereótipos a ele delegados – fugitivo e solitário.

O ciberespaço, sob esse prisma, é agora concebido como campo aberto que contempla em seu terreno a supracitada torre. Está a cargo do internauta, também praticante do ato de ler, eleger seu local predileto entre as páginas dos livros de papel, impressos de modo tradicional, ou as modernas interfaces dos *websites* e dispositivos eletrônicos. O leitor depara-se com as

mais tentadoras possibilidades de trajetórias literárias, sendo a sua inclinação pela digitalidade das telas fortemente reforçada por argumento consonante à construção líquida por intermédio da qual se fazem sustentar os pilares das práticas sociais – “[...] o lento, intenso e reflexivo processo da leitura é visto como ineficiente e antiquado [...]” (Manguel, 2017, p. 104). O professor Nicholas Carr, cujas contribuições teóricas encontram-se publicadas sob o título *A geração superficial*: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros (2011), já havia nos alertado, bem como fizera Manguel, sobre o fardo negativo ao qual a leitura na era digital está relegada, especialmente quando anuncia que apesar do pensamento atento e profundo constituir-se tarefa viável aos navegantes, assim como ler um livro de maneira superficial figura-se também algo possível, “[...] não é o tipo de pensamento que a tecnologia encoraja e recompensa [...]” (Carr, 2011, p. 162). Logo, nasce a problemática que assola esse domínio de discussão, uma vez que a leitura cujo desenvolvimento acontece no meio virtual, por meio das máquinas, incentiva o que Manguel (2017, p. 104) entende como *lambisco de fragmentos*.

O que nos importa neste estudo equivale à compreensão do quão repercussivas são as singularidades da leitura ciberespacial ao processo imersivo exigido por um texto de cunho literário. Envolvidos pelos fios da grande rede, aparenta ser algo extremamente natural nos sentirmos desconfortáveis defronte a solidão. Assim, o clima de interconexão propiciado pela conjuntura eletrônica induz-nos a desejar que nossa leitura, em razão do costume que a Internet nos possibilitou exercer, seja também tão conectada quanto. Sobre isso, Manguel (2017, p. 59) acresce que a interação pode ser efetivada a partir da ação de compartilhamento do texto ou de comentários na página de postagem, a qual é conduta já conhecida pelos leitores-internautas de *Wattpad* ou outras ferramentas virtuais, suas similares. Para o autor, inclusive, a referida ação sobre o texto pode acontecer com base nas listagens de *best-seller* que indicam o que os outros sujeitos estão lendo ou nos guias de leitura do editor, a exemplo. Apesar das viabilidades, iremos nos ater aos fatores ordinários íntrinsecos à leitura virtual.

Quando o texto está presente no ciberespaço e um sujeito se dispõe a lê-lo, sua atenção deve se tornar fragmentada, objetivando, de fato, captar a plenitude da mensagem pretendida. Aqui, não nos referimos aos *banners* de anúncios ou *links* de páginas sem quaisquer relações com o objeto de leitura – na área temática da pesquisa, utilizamos como base o próprio texto confeccionado e publicado nas plataformas de autopublicação virtuais. Carr (2011, p. 130) acredita que a combinação de informações em uma única tela dilacera a concentração, e à sua assertiva acrescentamos, também, as formas de linguagem que a *World Wide Web* nos trouxera à luz. Acostumados à linearidade oferecida pelo suporte de caráter impresso, as janelas do universo digital nos apresentam às suas próprias novidades. Seguindo pelas trilhas que Roland Barthes nos propusera em *S/Z* (1992), embora não propositalmente relacionadas ao hipertexto digital, às suas lexias e muitas possibilidades de entradas e saídas dos registros, é Vilém Flusser o pesquisador que há mais de uma década lançara perspectivas à prática de leitura executada por meio da tela, disseminando sua teoria em *A escrita: há futuro para a escrita?* (2010). Hoje, após alguns anos desde a publicação de seu título, é possível atestarmos a credibilidade de suas previsões. A leitura na tela transcende a equivocada noção de um ato

dito passivo, uma vez que o leitor de tempos nos quais tudo e todos estão continuamente conectados promove “[...] uma associação ativa de ligações transversais entre os elementos de informação disponíveis [...]” (Flusser, 2010, p. 233).

A metáfora da *rede*, agora, representa-nos um fator de crucial valor para o artigo. Estudiosa oriunda da área de pesquisas de Letramentos Digitais e autora da obra *O cérebro no mundo digital*: os desafios da leitura na nossa era (2019), Maryanne Wolf irá sustentar suas defesas a partir da ideia de que a ativação das redes cerebrais figura-se tão complexa como aquela que integra a própria Internet. Certamente, já esperávamos esse ultimato, pois, afinal, os registros circunscritos aos moldes retangulares das telas nos reivindicam não uma postura *diferente*, mas uma posição mais *versátil*, ou mesmo destituída de anseios.

O ambiente virtual, *per se*,<sup>5</sup> norteia seus internautas rumo a um fim, mas guarda, nesse caminhar, seus próprios mistérios – e é nessa trilha que o perigo reside. Atentemo-nos à nossa constatação: não cremos que o meio virtual seja ele a reencarnação daquilo o que de pior os mais pessimistas proféticos auguraram à gênese na nova era – e com ela, suas peculiaridades. Parece-nos caro afirmar que os hábitos exigidos por esses formatos de leitura e imersão é que compreendem os temores de uma prática decodificadora vulnerável à capacidade do cérebro humano, tão irreverentemente adaptativa e plástica, segundo justifica Wolf (2019) durante seu percurso teórico. As consequências de uma leitura descontínua e segmentada, ímpar à *Web*, ocupam papel proeminente no campo de análise das novas relações entre textos e leitores, mas não significam, ao nosso entender, malefícios desconjurados ou traições às configurações da escrita e da leitura tradicionais. Fere-se, muito provavelmente, a canonicidade que norteia tais práticas. Quando entrevistado pela versão *online* do jornal *Hoje em Dia*, Chartier (2016) questionara a respeito da herança que ainda nos é permitida pelo código, invertendo a lógica dos olhares colocados sobre esse tópico: “[...] é o códex, e não o computador, que convidou a comparar diferentes passagens [...]”. E ao exemplificar sua observação, emprega ótica rara à *Bíblia*: “[...] como queria a leitura tipológica da Bíblia que encontrava no Antigo Testamento prefigurações do Novo, ou a extrair e copiar citações e frases, sentenças e verdades universais, assim como exigia a técnica humanista dos lugares comuns [...]” (Chartier, 2016).

Se a descontinuidade também se faz evidente naquilo o que é aparentemente contínuo, conforme notabiliza Chartier (2016), podemos dizer, a fim de contribuir ao abrandamento das tensões que se estreitam entre impresso e digital, que as formas de imersão que cada suporte oferta aos leitores, de certa maneira, completam-se e, consequentemente, se complementam. Desde temporalidades pretéritas, quando as discussões em relação aos agravos da eletrônica intentavam conquistar espaço à lume no campo dos Estudos Literários, Chartier (1999, p. 12) reconheceria que a revolução tecnológica sugeria algo além da mutação quanto à materialidade do texto escrito, devendo ser compreendida como revolução atinente às próprias estruturas da escrita, “[...] assim como nas maneiras de ler [...]” (Chartier, 1999, p. 12). Nos anos 2000, ainda pouco se conhecia sobre as novas modalidades de leitura. É também Chartier quem nos demonstra os receosos passos outrora dados nesse território, desta vez à frente de *Os desafios*

<sup>5</sup> Termo em latim para “em si mesmo” e/ou “intrinsecamente”.

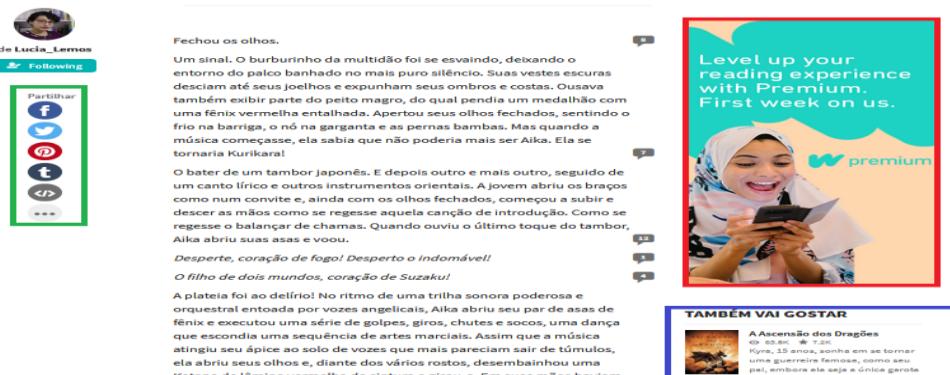
*da escrita* (2002). De modo atemporal, suas obras de viés teórico intercedem pela proposição de que “[...] o códex, manuscrito ou impresso, [...] favoreceu uma leitura fragmentada [...]” (Chartier, 2002, p. 30), alegação defendida na anterior entrevista ao jornal *Hoje em Dia*, realizada mais de dez anos depois desde as suas primeiras publicações.

Conquanto, sua ressalva é enfática, porque aponta para o fato de que a segmentação da leitura a qual é promovida pelo códice ainda sim oportuniza perceber a totalidade textual. Essa é exatamente a crítica que se faz à prática de leitura desempenhada por meio das telas: a imersão pode se constituir esfacelada, semelhante àquela que ocorre no livro ou outro suporte de natureza impressa, contudo, não oportuniza ao leitor uma visão geral do texto em questão. Tal reflexão é apoiada por Manguel (2017, p. 60), que nos defronta ao prisma de que o meio virtual, na realidade, embora proclame navegação ilimitada, “[...] é algo muito mais restrito e controlado do que a leitura do próprio códice [...].” Esse argumento da limitação ancora-se no fato de que o espaço da tela contempla muitos e diversos elementos: as barras de rolagem, os *links* que anunciam viagens sem direito a retorno e, a tempo, as publicidades dispersivas.

Não ingenuamente, *Wattpad* utiliza-se desses recursos. O acesso a um dos capítulos do primeiro livro constituinte da saga *Aika*, de Lúcia Lemos, torna visível algumas distrações às quais um navegante, leitor e amante da Literatura, em um momento de lapso, sucumbiriam de maneira fácil e ligeira. Trata-se de *banners* que encaminham o usuário às páginas hospedadas pela plataforma – em destaque sob a cor vermelha –, ademais, listas de títulos cujos enredos assemelham-se àquele elegido para leitura, de nome “Também Vai Gostar” – em destaque sob a cor azul. Salientam-se aqui também os ícones de partilha e interação da / com (a) narrativa – em destaque sob a cor verde. O ensejo é aproveitado a fim de esclarecermos que essa configuração é percebida não somente na obra eleita, mas também nos volumes pertencentes à coleção de *After*, de Anna Todd, e nos demais títulos abarcados pelo website – é claro, exceto por aqueles lidos por utentes inscritos no programa *Wattpad Premium*,<sup>6</sup> pois seus artifícios suprimem as intercorrências presentes na tela (**Figura 1**).

<sup>6</sup> Programa de assinatura que viabiliza ao navegante inscrito obter acesso ilimitado a narrativas no modo *offline* e layouts diferenciados para a sua interface de leitura, além de imersão sem interrupções ocasionadas por anúncios e afins, ademais, outras vantagens em vista do uso gratuito da plataforma.

**Figura 1 - Obstáculos à atenção durante a leitura na interface de *Wattpad***



**Fonte:** *Wattpad*.

(Disponível em: <http://www.wattpad.com>. Acesso em: 12 jul. 2025)

Afora esses elementos, lembremo-nos da existência de balões dispostos no transcorrer das histórias, os quais viabilizam ao leitor-internauta postar comentários sobre uma específica passagem, sendo essa uma forma interessante de interação, ainda que possa causar distração no que concerne à apreensão do conteúdo apreciado, algo que guarda certa similaridade com as anotações realizadas nas marginálias dos títulos impressos, com base em relatos históricos de Frédéric Barbier, autor de *História do livro* (2008) – a diferença encontra-se no fato de que tais ponderações, agora, estão à ampla disposição dos pares. As imagens de natureza estática ou em movimento, além das faixas de áudio e vídeos, não os categorizamos enquanto itens determinantes à dispersão em relação à história, pois são integrantes do arranjo narrativo concebido pelo autor que os incluía em sua obra. Deste modo, cremos que os recursos oferecidos pela plataforma configuram-se intrínsecos à Literatura Eletrônica cuja manufatura, publicação e partilha não somente *Wattpad* possibilita, mas, igualmente, outras páginas da Web as quais compartilham de sua premissa. Em vista desse horizonte, no domínio relativo à produção literária acolhida pelo meio *online*, dizer que os recursos hipermidiáticos são também responsáveis pelo alheamento da atenção, em união àquilo o que não estabelece diálogo com o produto textual em questão, é aqui interpretado como argumento equivocado, que alude à insensibilidade ou ao demasiado negativismo acerca da leitura na era digital.

Reconhecemos que a revolução das máquinas transfigurou nossa maneira de perceber o mundo e tudo o que nele se aloca, corroborando com Carr (2011, p. 131) – “[...] a Internet não mudou os nossos hábitos intelectuais contra a nossa vontade. Mas que ela nos mudou, mudou [...]. Todavia, insistimos quanto à necessidade de ir ao encontro de ângulos distintos sobre a concepção, digamos, *comedida*, a respeito das novas modalidades de imersão textual.

As associações entre universos ficcionais e seus elementos, isso, a Literatura publicada via papel fora desde sempre capaz de proporcionar aos pretensos leitores. Entretanto, um texto

hospedado no *writing space*<sup>7</sup> trazido pelas tecnologias digitais decerto tornara mais vívida a experiência da qual a arte literária se atribui. Independentemente dos hiperlinks, um indivíduo navegante, além de leitor, também se encarrega de produzir as suas próprias teorias sobre determinado título ou realizar conexões oportunas às ofertas da narrativa, assim como originar saberes a partir da escrita eletrônica e, acima de tudo, da particularidade que a define. O que constatamos encontra cômodo apoio nas palavras de Flusser (2010, p. 233), quando diz que é o próprio leitor, no contexto das telas, aquele que engendra a informação de acordo com os seus objetivos, tomando como fundamento as informações armazenadas, e acrescenta-nos: “[...] nessa produção de informação, o leitor dispõe de diversos métodos de associação que lhes são sugeridos pela inteligência artificial, [...] mas ele pode também utilizar seus próprios critérios [...]”. Também Nízia Villaça, pesquisadora e autora de *Impresso ou eletrônico?*: um trajeto de leitura (2002) exerce esforços nessa direção, mas, para isso, considera o hipertexto como principal substrato dos registros escritos inerentes à digitalidade. Compartilhando da esteira de Pedro Barbosa em *A ciberliteratura: criação literária e computador* (1996), que identifica o texto como representação de um *labirinto textual*, “[...] cujo percurso de saída é decidido ‘casualmente’, mas não aleatoriamente [...]” (Barbosa, 1996, p. 102, grifo do autor), a teórica enuncia que o hipertexto demanda de seus desbravadores a decifração de vínculos secretos ou mesmo temáticos, obrigando-lhes a atuar como atentos detetives no ciberspaço. Tal interatividade que emerge dessa classe textual e a qual está presente em outros produtos, faz-nos indagar sobre os modos por meio dos quais a interação oferecida pelo texto eletrônico pode vir a se efetivar. Nossa conclusão torna desmedida a realização desse questionamento.

É no segundo título da obra *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético* (1996), que seu autor, Wolfgang Iser, discute sobre o diálogo instaurado entre texto e leitor. Assinalamos que os achados não estiveram atrelados às tecnologias, não tendo sido, em decorrência disso, influenciados pelo panorama das viabilidades digitais, embora possamos trazê-los ao debate, já que se relacionam à abordagem universal acerca do texto como alvo de desmistificações. Em proporções equivalentes, apesar das diferenças que guardam, textos de natureza impressa e eletrônica emanam possibilidades de interação. Referindo-se ao registro publicado no papel, Iser (1996, p. 10) salienta ser imprescindível descrever o processo de leitura como interação dinâmica estabelecida entre o texto em questão e o seu respectivo leitor. Ora, hoje a atividade de leitura não se restringe somente aos livros tradicionais. Sua execução também é efetuada sobre outras materialidades, em conformidade àquilo o que explanamos e viemos defendendo. Sendo assim, fundamentando-nos nas contribuições do estudioso, pensamos que a interação, portanto, também constitui-se alicerce da prática, mesmo que quando promovida virtualmente por intermédio dos computadores e demais outros aparelhos do gênero.

A ideia de que o texto atinge o seu estado de completude quando enfim seu sentido é constituído pelo leitor, embasa o prenúncio das distintas formas de escrita – e leitura – inerentes à nova era. O teórico, então, dá continuidade ao raciocínio, certificando-se de que é o texto que “[...] indica o que deve ser produzido; em consequência, ele próprio não pode ser

<sup>7</sup> Referência ao termo cunhado por David Bolter (1991), estudioso que em breve será trazido aos debates.

o resultado [...]” (Iser, 1996, p. 9). Logo, o texto é, em sua mais pura essência, interação que encontra a sua origem na relação de reciprocidade que reside entre ele e seu leitor. E o autor do texto participa desse diálogo, porque se a obra a ele pertence (Eco, 2005),<sup>8</sup> contrário às perspectivas de Barthes, faz-se também presente no texto, o qual irá contatar aquele que o lê.

Já sabemos, então, que a interatividade do texto eletrônico fatalmente acontece. Ainda, no entanto, precisamos compreender as implicações dessa dinâmica no processo de leitura. Wolf, a frente de *Proust and the squid: the story and science of the reading brain* (2007), surpreende-nos com a afirmativa de que os nossos cérebros não nasceram hábeis para o ato de ler, e assim como o foi para adaptar-se a essa invenção, o registro disposto nas telas também exigiu-lhe movimento diferenciado, com vistas à sua adequação às inovadoras textualidades. Graças ao seu caráter plástico e à sua consequente capacidade de ajustes, o cérebro humano, certamente, “[...] forma a base de muito de quem somos, e de quem podemos nos tornar [...]” (Wolf, 2007, p. 3),<sup>9</sup> consonante à tese que o *boom* das máquinas colocara sobre as nossas cabeças – ou, ainda mais conveniente, sobre os nossos cérebros. Esse caminho aparenta não possuir direito a regresso, porém, não se delineia inédito o cenário admirado. A escrita, pois, não devemos nos olvidar, corresponde a uma tecnologia que ofereceu aos falantes de dada língua as circunstâncias plausíveis à comunicação para além do método das práticas orais. Mediante a essa reminiscência, é caro nos reportarmos à observação de Carr (2011, p. 112) a respeito de que “[...] uma vez tecnologizado, o mundo não pode ser destecnologizado [...]” – e, assim, também segundo o supramencionado professor, firma-se a nova ética intelectual que nos ordena a retraçar nossas vias cerebrais, análogo à época remota do surgimento da escrita.

Na obra *Modernidade líquida* (2001), Zygmunt Bauman já nos alertava acerca das mutações de crenças, valores e prerrogativas culturais frente ao rompimento de paradigmas que apoiam as práticas sociais. Em relação ao assunto em destaque neste presente estudo, sua contribuição também encontra espaço para apreciação, e é Wolf (2019, p. 76) a autora que consegue articular sua ideia de sociedade contemporânea líquida às questões referentes à leitura que é realizada em contexto eletrônico. No atual sistema cultural, de acordo com a pesquisadora, premiam-se os fatores de eficiência, facilidade e imediatez. Os prazos mais apertados evocam rapidez concernente à imersão em um determinado tópico, por exemplo. Em contrapartida, combate-se o pensamento de viés crítico, o qual necessita de tempo eficaz, debate e maturação para que haja sua gradual construção. Eventualmente, podemos pensar que o exercício do devaneio de natureza crítica está sendo, de fato, desempenhado. Entretanto, não é o que verdadeiramente ocorre, uma vez que cremos ser pertinente ocupar o tempo com essa atividade em outro momento, se não o agora, contribuindo ao descomunal preenchimento de uma “[...] invisível cesta de lixo das intenções perdidas [...]” (Wolf, 2019, p. 76).

<sup>8</sup> Referência à menção presente em *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas* (2005), de Umberto Eco: “o autor oferece, em suma, ao fruidor, uma obra a *acabar*: não sabe exatamente de que maneira a obra poderá ser levada a termo, mas sabe que a obra levada a termo será, sempre e apesar de tudo, a sua obra” (ECO, 2005, p. 62, grifo do autor).

<sup>9</sup> “Forms the basis for much of who we are, and who we might become”.

A cultura digital impeliu seus integrantes a imergirem de formas inusitadas no texto também publicado nas páginas dos materiais impressos, sendo, aliás, o tormento que assola os mais céticos e resistentes à nova conjuntura. Decerto, as técnicas de *scanning*<sup>10</sup> e *skimming*<sup>11</sup> já se constituíam, outrora, viabilidades de leitura, independentemente dos suportes utilizados para tal. Todavia, o ciberespaço aparenta ter influenciado um número ainda maior de adeptos, fomentando práticas descontroladas que afligem o campo da recepção dos textos impressos. Zelosa com relação à temática, Katherine Hayles ampara esse ponto no qual se encontra nossa discussão. No ensaio *How we read: close, hyper, machine* (2010), apresenta-nos à apuração de que os indivíduos, com atenção aos mais jovens, têm lido mais, especialmente com o auxílio das telas. Consequentemente, o vislumbre sobre a essência da *close reading*<sup>12</sup> passa despercebido, ainda que alguns acreditem conhecer algo ao seu respeito. Um culto àquilo o que traduzimos como *leitura cerrada* estivera em voga desde os remotos anos de 1970, quando a nossa área dos Estudos Literários se atreveu a debruçar-se também sobre textos de diferentes gêneros e gêneses, ocasionando ao registro de viés literário a sua retirada do centro dos debates. Haja vista esse cenário, explica-nos Hayles (2010, p. 63), o ato de leitura atento a cada palavra, linha e entrelinha de um texto, portanto, transformara-se no ponto máximo de dedicação ao produto textual. Era essa, afinal, a única herança inerente à temporalidade na qual o cânone da escrita – e daquilo o que se concebia como o seu modo de ler – ainda reinava. Em contraste, a vulgarização das máquinas conectadas à inter-rede tornou popular a *hyper reading*,<sup>13</sup> modalidade de leitura a qual supomos existir e ser praticada desde a época dos manuscritos ou da prensa, mesmo sobre o suporte físico, o que reitera a noção de que as diferentes formas de manuseio relativas a um texto, entre tais, a leitura, tornaram-se estimadas ou estigmatizadas de acordo com o avanço ou a idealização das muitas e novas tecnicidades, não estando necessariamente subordinadas a uma única e exclusiva perspectiva tecnológica.

Nesta mesma esteira, é interessante demonstrarmos que o uso de algumas expressões já conhecidas na área, como é o caso de *close reading*, a título de exemplificação, tornara-se popular quando no ensaio *Conjectures on world literature* (2000), Franco Moretti, historiador e crítico literário, atribuiu-lhe um sentido diferente daquele quando empregado por Hayles ou outros teóricos que por vezes seguem trilhas similares. Verdadeiramente, o autor propõe total ressignificação à expressão, utilizando-a para contrastá-la à tentativa metodológica quanto à possibilidade de se realizar, digamos, uma *leitura universal* da produção literária mundial, tendo sido denominada como *distant reading*.<sup>14</sup> Essa, por seu turno, debate a ideia do saber literário que parte unicamente das obras alçadas como canônicas, incentivando olhares mais

<sup>10</sup> Do verbo inglês *scan*, *scanning* corresponde à técnica na qual se realiza um escaneamento do texto, considerando palavras-chave importantes à sua compreensão ou outros elementos relevantes.

<sup>11</sup> A técnica de *skimming* denota a execução de leitura rápida, objetivando apreender noção geral do texto a partir do empenho de atenção e concentração seletivas.

<sup>12</sup> Traduzido livremente como *leitura cerrada*. Diz respeito a um ato de leitura atento e dedicado.

<sup>13</sup> Traduzido livremente como *hiper leitura*. Tange a um ato de leitura breve e raso.

<sup>14</sup> Traduzido livremente como *leitura distante*. Refere-se ao exercício de distanciamento textual.

amplos, abertos e plurais acerca não somente da Literatura em si, mas considerando, também, até mesmo as pesquisas nas quais a arte em questão prestou-se como objeto de protagonismo.

Com isso, Moretti (2000, p. 57) reitera-nos a antiga premissa de que o menos pode ser o mais, entendendo sua *distant reading* como uma condição de acesso pleno e sábio ao conhecimento – “[...] isso permite você focar em unidades que são muito menores ou maiores do que o texto: dispositivos, temas, tropos – ou gêneros e sistemas [...]”.<sup>15</sup> Anos mais tarde, lança o sugestivo título *A literatura vista de longe* (2008), reafirmando seu posicionamento: “[...] a distância faz com que se vejam menos os detalhes, mas faz com que se observem melhor as relações, os *patterns* e as formas [...]” (Moretti, 2008, p. 8, grifo do autor).

Fernando Gomes, estudioso e autor de *Hipertextos multimodais: leitura e escrita na era digital* (2010), constatara que as técnicas de *scanning* e *skimming*, por exemplo, não desempenham notável funcionalidade durante a leitura do hipertexto digital, porque nele pressupõe-se a necessidade de se realizar seleções em relação aos caminhos a serem tomados por meio dos *hiperlinks* que os constitui, tornando indissociáveis, por isso, os elementos considerados centrais ou marginais à imersão. Esse contexto é favorável à perscrutação pelos contributos teóricos abarcados por *Hypertext 3.0: critical theory and new media in an era of globalization* (2006), de George Landow, que revela ser o sistema de produção hipertextual adepto ao manuseio de seus leitores, permitindo-lhes escolher seus próprios caminhos em direção às experiências e investigações que julgam adequadas à apreensão de um melhor entendimento quanto ao sistema em questão – daí a ineficácia das estratégias indicadas, as quais visionam a seleção textual quase sempre pormenorizada.

Entretanto, em *How we think: digital media and contemporary technogenesis* (2012), Hayles transparece não defender a vertente de pensamento antes sugerida por Gomes, pois crê que a *hiper leitura* – a qual comprehende, para além dos supracitados métodos, a fragmentação e a justaposição de textos –, representa, deveras, uma pertinente estratégia de compreensão do ambiente no qual a propagação de informações é contínua e intensa, tal como no ciberespaço. É por isso, na visão da pesquisadora, que a aplicação dessas técnicas teria como finalidade a identificação de dados considerados extremamente significativos, “[...] de maneira que apenas pequenas porções de determinado texto são realmente lidas [...]” (Hayles, 2012, p. 12).<sup>16</sup> Independentemente da serventia que possa nos apresentar, *scanning*, *skimming* e outras táticas de leitura que encontraram acolhimento nesta era – e, por vezes, a possibilidade de patente – trazem à tona o caminho para uma leitura executada sob o *padrão F*,<sup>17</sup> curiosa singularidade da civilização na qual ser efêmero nem sempre é suficiente à imediatez almejada pelo sistema. Hayles (2010, p. 74) menciona a pesquisa realizada pela empresa *Nielsen*, a partir da qual fora possível verificar a crescente tendência quanto à leitura em *padrão F* na *Web* – *websites* têm seus textos e elementos gráficos dispostos na tela de modo a se aproveitar desse mecanismo

<sup>15</sup> “It allows you to focus on units that are much smaller or much larger than the text: devices, themes, tropes – or genres and systems”.

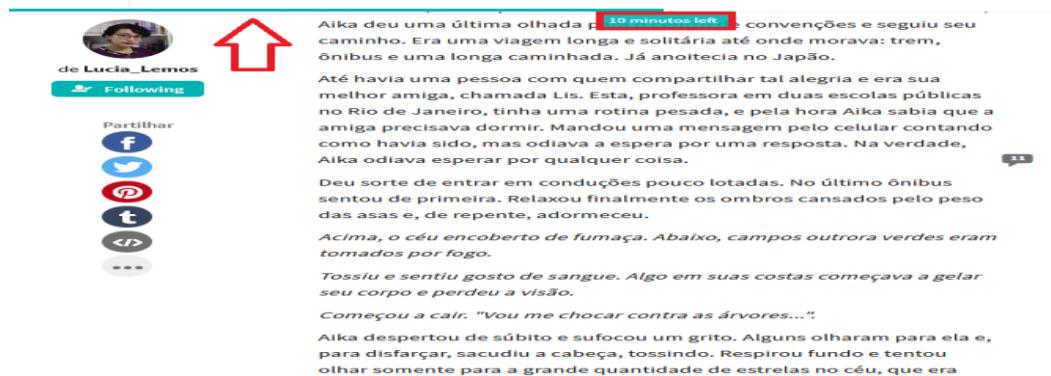
<sup>16</sup> “So that only relatively few portions of a given text are actually read”.

<sup>17</sup> Por meio da leitura em *padrão F*, leem-se dois traços horizontais e um vertical, assim como o formato sugerido pela letra que o nomeia.

colocado em prática por navegantes, conduzindo-os a conceber, superficialmente, seus motes. Aliás, não sabemos se conceituar como rasa a leitura em *padrão F* seria de fato algo plausível, uma vez que, em consonância àquilo o que sua nomenclatura nos incute, tornara-se diretriz do ciberespaço aventurar-se em um texto a ele pertencente utilizando-se dessa estratégia. Assim, o *padrão F* é a moda ditada à leitura *no universo das telas*, ademais, *de seu próprio universo*.

Dizer isso implica afirmar que a leitura de um texto qualquer presente na grande rede é efetuada de maneira análoga à leitura que se realiza do próprio sistema que o abarca, o espaço virtual. Estender esse argumento ao campo literário, porém, possui como consequência o fato de que também o texto que se propõe ser Literatura é desse modo apreciado, por intermédio do qual algumas poucas linhas de vislumbre, alternadas entre horizontais e verticais, estariam aptas a resolver a problemática da imersão – o padrão não se aplica a todas as circunstâncias? *Wattpad* parece reforçar o hábito da leitura dita linear<sup>18</sup> quando recompensa seus leitores com um botão que os convida a acessar o capítulo sucessor da história em análise, o que acontece apenas próximo ao término da apreciação do trecho em leitura. Para tanto, é necessário que os usuários se atenham à narrativa de maneira a trilhar um percurso que é comum para o meio impresso, ao menos nos materiais publicados no Ocidente.<sup>19</sup> Os utentes podem acompanhar o avanço dessa tarefa com base em uma barra, presente no topo do texto, cuja cor é alterada a cada rolar de página, o que corresponderia aqui ao indicativo de desenvolvimento da leitura, mensurado em minutos que lhe restam – em destaque sob a cor vermelha (**Figura 2**):

**Figura 2 - Indicador do desempenho de leitura em *Wattpad***



Na presente captura de tela, *Wattpad* previa o término da leitura em dez minutos.

**Fonte:** *Wattpad*.

(Disponível em: <http://www.wattpad.com>. Acesso em: 12 jul. 2025)

<sup>18</sup> Em *Wattpad*, a leitura linear é interpretada como aquela que se realiza verticalmente.

<sup>19</sup> Como exemplo, citamos os *mangás japoneses*, cuja apreciação ocorre da última à primeira página, partindo dos quadros direitos aos esquerdos.

O marcador temporal colocado por *Wattpad* faz-nos voltar a atenção às exigências da contemporaneidade hiperconectada, temerosa quanto ao tempo gasto – ou perdido, para os adeptos resolutos – defronte a execução de tarefas cuja importância perdera a credibilidade a partir da revolução das máquinas. Lembremo-nos de que Wolf (2019, p. 76) empenhou-se em discutir a respeito da celeridade do tempo corrente. Hoje, a leitura possui hora marcada para que tenha um início e, talvez, ainda mais relevante, um término – o mais imediato possível. Embora atual, essa circunstância aparenta ter se estabelecido à época da invenção da prensa de Gutenberg. Frente à *Oralidade e cultura escrita*: a tecnologização da palavra (1998), Walter Ong acresce-nos acerca das diferenças entre os textos manuscritos e impressos, pontuando uma das mais notáveis vantagens da criação referenciada, ou seja, o poder de legibilidade do processo de impressão, o que tornou mais cômoda a imersão em um registro textual qualquer, pois o apreciador em questão não mais necessitava se preocupar em decifrar a caligrafia daquele sujeito que havia realizado a transcrição – “[...] a maior legibilidade, em sua última análise, favorece a leitura rápida, silenciosa [...]” (Ong, 1998, p. 140).

Na era eletrônica, estamos fadados a nos curvarmos às expectativas do sistema social vigente, e de praticar, anterior a qualquer outra atividade, diversos protocolos tecnológicos nos quais, para Manguel (2017, p. 61), o ato da leitura tem sido frequentemente concebido como *subproduto*; um *subproduto* proveniente da superficialidade do movimento típico desta temporalidade, o *zapear*,<sup>20</sup> aquele sobre o qual nos é pontuado em *A reinvenção do escritor: literatura e mass media* (2010), de Sérgio de Sá, ao nos lançar questionamentos acerca das intempéries experienciadas no decorrer de uma dada leitura, pois, como bem sabemos, “[...] o verbo tem a ver também com certa dificuldade de concentração em atividades muito lineares, que não apresentam novidades a cada segundo [...]” (Sá, 2010, p. 15).

Mas o cérebro, jamais podemos nos esquecer, encontra-se predestinado à adaptação. Afinal, se não nascemos para ler (Wolf, 2007), no mínimo ele deveria, como consequência de sua natureza, constituir-se plástico, assim como tem nos demonstrado ser no transcorrer da história da evolução humana. Plástico também é o perfil do leitor, contemporâneo ou não. Chartier (1999, p. 91) abre-nos as portas para a obtenção de acesso à teorização concernente à trajetória de desenvolvimento do indivíduo em destaque, protagonista de nossa abordagem, quando justifica que cada leitor, frente a cada uma de suas leituras, nas circunstâncias que lhes cabem e os acolhem, é singular. Seu excerto é aqui então utilizado com vistas introdutórias às elucubrações assinadas pela professora Lucia Santaella, que em sua publicação intitulada *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo* (2004) traça-nos uma espécie de linha do tempo tocante às várias características evolutivas do sujeito que se assume leitor.

Decorrente de sua experiência de mutação, o conceito de leitura vira-se emaranhado ao contexto de transformações sociais, culturais e históricas, atestando nossa defesa, exposta no início do presente artigo, a respeito do fato de que as alterações vinculadas ao código da escrita conduziram os interessados a buscarem ou contatarem formas distintas de apreciação.

<sup>20</sup> Corresponde ao ato de se deslocar rápida e repetidamente entre canais de entretenimento diversos, dentre emissoras de televisão, frequências de rádio e websites. Também associado ao termo *navegar*.

Talvez, muito mais do que a prática da escrita, também nos arriscamos a atrelar os diferentes modos de leitura ao cenário no qual os sujeitos leem. Exatamente, é o que os apontamentos da teórica nos auxiliam a refletir sobre tal mote. Partindo de um pretérito no qual os materiais de leitura, os manuscritos, faziam-se *duráveis, imóveis e localizáveis*, tomando de empréstimo as terminologias utilizadas por Santaella (2004, p. 24), a autora nomeia nosso primeiro leitor, o *leitor contemplativo* – por vezes, também conhecido pelo adjetivo *meditativo*: é o indivíduo que explora as viabilidades promovidas pelo atento exercício da leitura, justo por desfrutar de um ensejo favorável a essa tarefa – “[...] esse leitor não sofre, não é acossado pelas urgências do tempo [...]”. Solapados pela prensa e, alguns anos depois, pelos artefatos massificadores de produtos artísticos, dentre eles, os livros, emerge o *leitor movente ou fragmentado*, herdeiro da “[...] sensorialidade alucinógena que o excesso de estímulos produz [...]” (Santaella, 2004, p. 26). Os destroços imanentes à desconstrução da imagem de um homem dito moderno esbarram nos modos de enxergar a realidade e tudo o que a compete, inclusive, as suas artes, determinando-lhes percepções fracionadas e, como consequência, cada vez menos vigilantes.

Tal personagem intermediário prepara o terreno para a breve chegada daquele que hoje predomina. Trata-se do *leitor imersivo*, também popular como *virtual*. Sua nomenclatura faz referência ao quadro das novas tecnologias digitais, instaurado desde a gênese da Internet. Conivente ao bombardeamento de informações atinente ao panorama da Revolução Industrial, esse sujeito deixa-se entrelaçar na rede de relações que extrapola as telas e conecta tudo a todos; é o leitor cujo ato de ler parece não possuir um fim absoluto: inicia sua imersão em um dado registro e, quando se dá conta, está a apreender sobre o tópico contemplado por outros textos, intentando acessar dados que os complementem ou corroborem, concedendo vida à criação de seus próprios conteúdos, amplamente disseminados no ciberespaço – “[...] o que se tem aí é um universo novo que parece realizar o sonho ou alucinação borgiana da biblioteca de Babel, uma biblioteca virtual, mas que funciona como promessa eterna de se tornar real a cada ‘clique’ do mouse [...]” (Santaella, 2004, p. 33, grifos da autora).

Restrito aos produtos de origem impressa, remontando-se ao contexto de recepção das narrativas românticas populares no século XVIII, Chartier, quando em *Inscriver e apagar: cultura escrita e literatura* (2007) disserta a respeito da revolução experienciada pela prática da leitura – embasado na dicotomia entre dois modos de desbravamento literário, entre *intensivo* e *extensivo* –, clarifica-nos viabilidades de reflexão sobre a temática. O *leitor intensivo* cultiva raízes tradicionais, aproximando-se do *leitor contemplativo* de Santaella. Já o *leitor extensivo* aparenta ser a fonte da qual se alimenta o *leitor imersivo* sugerido pela supracitada estudiosa, porque, ainda que acostumado ao papel, “[...] lê numerosos impressos, novos, efêmeros, e os consome com *avidez* e *rapidez* [...]” (Chartier, 2007, p. 266, grifos nossos). É claro que os apreciadores apresentados por Santaella e Chartier guardam as suas próprias peculiaridades. São descritos, inclusive, a partir de diferentes ocasiões históricas. A transformação submetida às práticas de leitura dos séculos passados, referenciada por Chartier (2007, p. 262), é tocante aos fatores quantitativos subjacentes à produção de materiais impressos, impulsionada graças à invenção da prensa de Gutenberg. Entre a *intensividade* e a *extensividade* que preteritamente

assinalaram as relações entre leitor e texto situa-se, nossa leitura da teoria permite-nos inferir, aquele que Santaella (2004, p. 26) indicara-nos como *leitor fragmentado* – constitui-se dessa maneira, assim, *fracionado*, subjugado a um estado de total *esfacelamento*, uma vez que está na porção mediana de um caminho dito sem volta, rumo à inevitável e incontrolável explosão tanto da manufatura quanto da disseminação das obras literárias nos séculos precedentes; divide-se entre se aventurar nos títulos eternizados, lê-los, relê-los, sabê-los de cor e salteado, e se deparar, na extremidade oposta, com uma infinidade de publicações. Faz-se significativo o contingente de materiais que na segunda metade do século XVIII é ofertado ao leitor da época, e tal fato, absolutamente, dialoga com o contexto apontado por Santaella (2004, p. 33) para seu *leitor imersivo ou virtual*: a grande rede abriga muitas Literaturas, e ainda distinta da circunstância do remoto século XVIII, diversas modalidades possíveis às suas leituras.

Conquanto, Chartier (2007, p. 266), ao nos narrar parte da história do ato de leitura, revela-nos a gradual travessia realizada pelo leitor do século em destaque entre os extremos viabilizados em razão da popularização das práticas de publicação, inclinando-se ao domínio o qual aqui temos nos empenhado a investigar. O que denominara como *revolução da leitura*, ocorrida em meados dos anos de 1750, abarca a multiplicidade quanto aos modos de emergir em um texto qualquer. Como consequência da diversidade de personas que agora podem ser assumidas pelo sujeito leitor, deve-se romper com critérios de universalização historicamente vinculados a uma modalidade única de leitura e, empreendendo movimento contrário à regra, contribuir e “[...] identificar as competências e as práticas próprias a cada comunidade de leitores, os códigos e as convenções próprias a cada gênero [...]” (Chartier, 2007, p. 267). Impressionou-nos obter conhecimento de que os embates sobre a desmistificação do exercício da leitura como algo rígido protagonizavam, há tempos, o campo dos Estudos Literários.

A respeito desse último estágio ocupado pelo indivíduo enquanto leitor, o pesquisador Espen Aarseth, quando no título *Cybertext: perspectives on ergodic literature* (1997), indica intrigante metáfora que muito dialoga e serve-nos como exemplo no que tange ao perfil traçado por Santaella. O leitor do cibertexto, assim como o denomina, é comparado a um jogador, porque seu objeto de deleite, já mencionado, é um *mundo de jogos*. Suas atribuições, é claro, estão interligadas ao universo dos *games*: no ambiente de natureza virtual, os registros textuais viabilizam explorá-los e igualmente neles se perderem, ademais, deslindar padrões ou outras relevantes características que por acaso possam vir a apresentar. Não obstante, o estudioso clarifica os extremos ocupados por cada uma dessas linguagens, os jogos e as narrativas, reforçando as aproximações que sugere ao pensar no texto da era digital como terreno de probabilidades diferentes ao seu então apreciador, por que não, o *ciberleitor*. Logo, essa sobreposição entre *games* e histórias é a mesma justaposição que se exige no decorrer da imersão na hipermídia contemporânea, seja em redes sociais ou *websites* de criação literária.

Para Hayles (2012, p. 12), o texto confeccionado no meio virtual e cuja *hiper leitura* é ali exercida orienta seus leitores à alternância de flexibilidade entre os fluxos de dados e afins, acionando altos níveis de estimulação. Esse movimento infere progressivo declínio da atenção depositada no transcorrer do ato em voga, conduta contra a qual David Bolter expõe se

posicionar na obra de sua autoria, intitulada *Writing space: the computer, hypertext, and history of writing* (1991). Em sua afirmativa sobre a complexidade que demanda a leitura de algo virtual, incluindo “[...] atenção ao texto, imagem e suas relações [...]” (1991, p. 71),<sup>21</sup> identificamos seu cuidado no que se refere à noção de leitura da totalidade exclusiva ao contexto ciberespacial de produção e consumo textuais. O que o referido estudioso cogita se fazer entender é o fato de que a leitura da interface digital é intrincada e requer o engajamento de recursos cognitivos tanto quanto se constitui necessário na atividade que se apoia em suporte impresso. Não basta, portanto, ler *no ciberespaço*. Insistimos na noção de interação com a sua própria integralidade, o que irá possibilitar ao navegante lê-lo em sua completude e exercer leituras pertinentes às ofertas, aproveitando-as na plenitude que as concerne.

Finalmente, as argumentações de Hayles (2012, p. 61) transparecem-nos deter clareza ao elucidarem a compreensão de que as leituras no papel e no virtual estimulam diferentes áreas e funções cerebrais, fundamentando nossas reflexões acerca da distinção entre as formas de ler em consonância às condições das materialidades selecionadas. Um fato interessante está relacionado à utilização da memória de trabalho colocada em funcionamento durante tal ato, sendo responsável por isso a linearidade que assinala a leitura do texto disposto nas páginas dos livros impressos. Os movimentos oculares sequenciais preveem uma sobrecarga menor a essa ramificação da capacidade cerebral, transferindo, a longo prazo, os saberes apreendidos, enquanto que os olhares dispersos, aqui associados à interface da *Web*, fracassam na missão. As peculiaridades do texto eletrônico, às quais Hayles (2012, p. 64) se refere como *distrações*, estão por detrás desse fenômeno. Como sabido, elegemos concebê-las como artifícios comuns à conjuntura da leitura propiciada pelas novas relações que nos impõe os dispositivos digitais. Suscita-nos a interrogar, as anteriores constatações, se aqueles leitores dos títulos eletrônicos de Todd e Lemos, entre *imersivos* ou *virtuais* (Santaella, 2004), sobreviveriam no papel, dadas as circunstâncias enfáticas designadas às viabilidades de leitura atuais e o especial fato de que as obras das referidas escritoras foram transpostas às páginas dos livros tradicionais, provocando-nos a pensar movimentos de *alternância* entre suportes que acolhem a Literatura.

Em meio à espetacularização das telas e as possibilidades de ali encontrarmos nossos próprios lugares, o que antes concebíamos como um exercício de imersão transfigurara-se no mais puro deleite, aliás, mais um dentre tantos outros que a nova era nos permite desfrutar. Deste modo, a cada clique se constituem os caminhos para a leitura no ciberespaço – porém, convenhamos, grande parte da diversão de ler ou navegar nos mares da Internet está no fato de poder, o seu utente, conhecer e desbravar o próprio território no qual as suas produções literárias prediletas encontram-se acolhidas. Vencer as diversas etapas do ser *leitor virtual* é se aprazer sobre os mistérios que a rede de conexões da *Web* imputa-nos a desvendar; é ser navegante-*errante*, como afirma Santaella (2004, p. 178), o sujeito que não teme brincar na certeza do deambular. Ou, mais a frente, assumir-se *detetive* (Santaella, 2004, p. 178) – Villaça (2002), alguns anos antes em relação à pesquisadora em destaque, já havia se prestado

<sup>21</sup> “Attention to text, image, and their relationships”.

a utilizar a referida denominação<sup>22</sup> –, aquele que muito disciplinado aprende com as próprias incorreções que comete em terras ainda inexploradas. E enfim, munir-se de um *status* como internauta-*previdente* (Santaella, 2004, p. 179), indivíduo habituado ao cenário virtual e à leitura do espaço no qual telas, textos e texturas imbricam-se, culminando no dilema que resiste ao pensarmos nas consequências dos comportamentos de *leitores imersivos* no aparato maquinal – estendendo-se ao formato impresso e consumando as inquietações acadêmicas. Pois, se bem fomos capazes de entender aquilo o que nos prescreveu Santaella (2004, p. 184), o *leitor virtual* continuará existindo independentemente das interfaces possíveis ao dispositivo computacional e, também, relativas ao papel. É esse o leitor de nossa contemporaneidade.

As perspectivas são unâimes. Enquanto Wolf (2019, p. 61) justifica sua posição com apoio no fato de que as minuciosidades de um panorama qualquer poderão esvanecer caso não reaprendamos a virtude da paciência cognitiva, outrora cultivada na cultura analógica, autores tais como Manguel (2017, p. 63) também expressam acreditar na necessidade de aprendizado dotado de calma e vagareza no que tange ao ato da leitura, haja vista as discussões realizadas. E cogita ir ainda mais longe ao dizer que somente após irrompermos por esse processo é que enfim nos tornaremos dignos ou estaremos em condições de nos nomearmos *leitores* – como se em dado momento não tivéssemos sido credores do título para nos referir a nós mesmos.<sup>23</sup> Assim, contra todas essas expectativas, Chartier (2016) arrebata-nos com a sua brandura ao atribuir aos nativos digitais a possibilidade de respostas adequadas para os tempos vindouros – personagens esses que seriam prontamente descartados à tarefa por alguns tantos estudiosos. Os esclarecimentos, aponta o historiador, não se encontram dispostos no cerne dos costumes de leitores que ingressaram no universo digital a partir das experiências que apreenderam nos suportes de caráter impresso, mas nas próprias ações as quais exercem no âmago do sistema eletrônico. O futuro da escrita, e mais precisamente da leitura, pertence aos *leitores imersivos* ou *virtuais* nos quais Santaella depositara a expressiva parcela de competências inovadoras observadas no quadro da contemporaneidade, antes oportunamente ilustrado. Cremos que esse novo leitor é um alguém *diferente*, não inferior ou superior ao leitor acostumado às inscrições escritas sobre as peles de animais nos primórdios de nossa civilização ou ao deslumbramento à tipografia da prensa gutemberguiana: por natureza e necessidade, faz-se sujeito conivente às transformações maquinais da atualidade, sendo eles, por exemplo, os *wattpaders* acerca dos quais nos dedicamos a dissertar no transcorrer das reflexões impressas neste artigo.

<sup>22</sup> Referência à seguinte passagem: “o leitor da leitura na Internet encarna o papel do *detetive auditivo* que lê as pistas do hipertexto, que segue as linhas e que estabelece uma ligação plausível entre os vários segmentos do texto” (Villaça, 2002, p. 109, grifo nosso).

<sup>23</sup> Em *Hipertexto e literatura* (2012), Sérgio Luiz Prado Bellei crê que a leitura do hipertexto digital equivale a uma *não leitura* se comparada àquela que de um texto literário – “[...] a leitura do hipertexto, se é que pode ser chamada de leitura, é uma fonte de sobrepor caminhos pré-programados; ler o literário significa submeter-se à experiência de perseguir veredas que, por assim dizer, não levam a parte alguma [...]” (Bellei, 2012, p. 150). Configura-se, assim, uma possibilidade para pensarmos o caráter leitor do qual Manguel (2017, p. 63) preconiza termos nos desvencilhado dado o surgimento de outros suportes para os registros textuais e, como inevitável consequência desse fato, distintas viabilidades de leitura.

## Conclusão

Ler, então, o ciberespaço. Por que não, se mesmo Barbosa (1996) empreendera-o como uma nova forma de escrita? Enveredar-se por seus recintos, incluindo os recursos cujas relações que estabelecem entre si transformam-no em sistema hipermidiático, capacitando seu leitor-internauta entender esse local enquanto lugar no qual a leitura é também viabilizada sob diferentes formatos e instâncias em detrimento àquelas já ordinárias – “[...] como efeito disso começam a surgir os comportamentos virtuais [...]”, diz-nos Barbosa (1996, p. 2). O usuário, para além de *flâneur*,<sup>24</sup> um simplório observador daquilo o que ao seu entorno acontece, está conectado à conjuntura da grande rede. Assim, em proporções congêneres àquelas por meio das quais o processo imersivo da leitura se constitui de acordo com as preferências do utente, depara-se, esse tal indivíduo, com a necessidade da realização de escolhas adequadas frente às propostas dos conteúdos materializados nas telas – muitas vezes ao seu contragosto, em razão da estigmatização das facilidades naturais do ambiente em análise. Dos rolos a pergaminhos e dos livros impressos a *e-readers*, cabe ao leitor da contemporaneidade fazer emanar em suas atitudes e seus gestos a faceta plástica do cérebro que possui para que possa, nesse processo, aproveitar-se das melhores oportunidades lançadas à luz – ou aos *pixels* – pelo ciberespaço.

Para além de sua origem, se alguma vez o livro fora comparado à esfera marítima, pois desde já sujeito à exploração, jamais pudera obter, tal analogia, representação mais fidedigna: em águas desconhecidas, navega, portanto, o *internauta*, também *leitor*, às vezes, *spectador* das telas e de suas tantas textualidades – Canclini, sem receios, haveria de concordar conosco. E na inconstância de suas marés – afinal, tudo é efêmero e provido de extraordinária liquidez, conforme nos ensinara Bauman –, intenta, ainda nos dias atuais, orientar-se por algum norte. Ansiosos por respostas, inquirimos: o que poderíamos esperar desse navegar? Isso dependerá, decerto, do desempenho apresentado pelos navegantes da embarcação cuja tripulação nasce, desenvolve-se e aprende que ser digital é exigência à sobrevivência em um universo no qual as letras, os textos e a Literatura encontram morada em outros oceanos, tornando necessário eleger novas modalidades de apreciação coerentes à produção de sentidos e significados que preza seus resguardos. Apelar a uma formação dita *multitextual* (Wolf, 2007),<sup>25</sup> enfim, não seria demais para lermos, além do que nos regala as máquinas, o mundo que nos conecta.

Finalmente, alcançamos o término deste estudo. Dos autores que nesta temporalidade se abrigam, perpassando pelas parcerias reais e *online* firmadas entre escritores e admiradores, e chegando ao âmbito que sugere esclarecer a invocada complexidade de *ser* e *ler* na presente era, quando os resquícios da tradição ainda se alojam em cada pronunciar de posicionamentos,

<sup>24</sup> Adjetivo francês para *caminhante* ou *aquele que observa*. No conceito cunhado por Baudelaire, *flâneur* é alguém que observa para além das dimensões físicas, experimentando pensamentos de viés filosófico, bem como diferentes formas de ver e sentir aquilo o que lhe é exposto.

<sup>25</sup> Referência à seguinte passagem: “devemos ensinar nossos filhos a serem bitextuais ou multitextuais, capazes de ler ou analisar textos com flexibilidades de maneiras diferentes” (Wolf, 2007, p. 226). Do original em inglês, temos: “we must teach our children to be bitextual or multitextual, able to read and analyse texts flexibly in different ways”.

encerramos a temporada de debates pretendida a partir da paulatina construção desta trilha de *conexões* que aqui apresentamos. Por ora, assim, oferecemos uma viável opção de caminhar para o vislumbre da Literatura wattpediana<sup>26</sup> ou, quiçá, da produção literária contemporânea que é circundada pelo fluir das novidades tecnológicas – de fato, a cada etapa nos sentimos seguros para correr e assumir os riscos de ser e estar pesquisador *na e da* cultura digital.

## Referências

- AARSETH, Espen J. *Cybertext: perspectives on ergodic literature*. The Johns Hopkins University Press: London, 1997.
- BARBIER, Frédéric. *História do livro*. São Paulo: Paulistana, 2008.
- BARBOSA, Pedro. *A ciberliteratura: criação literária e computador*. Lisboa: Edições Cosmo, 1996.
- BARTHES, Roland. *S/Z*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. [e-book]
- BELLEI, Sérgio Luiz Prado. *Hipertexto e literatura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.
- BOLTER, Jay David. *Writing space: the computer, hypertext, and history of writing*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1991.
- CARR, Nicholas. *A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros*. Rio de Janeiro: Agir, 2011.
- CELESTE, Jennifer da Silva Gramiani. *Clique aqui para o próximo capítulo: as (ciber)potencialidades literárias de Wattpad*. 313 f. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Literários) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2023.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- CHARTIER, Roger. *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- CHARTIER, Roger. “A resposta está nos nativos digitais”, diz o historiador Roger Chartier. [Entrevista concedida a] Cinthya Oliveira. *Hoje em Dia*. Belo Horizonte. 2016.

<sup>26</sup> Referência à Literatura produzida em *Wattpad*.

Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/almanaque/a-resposta-est%C3%A1-nos-nativos-digitais-diz-o-historiador-roger-chartier-1.408767>. Acesso em: 27 ago. 2020.

ECO, Umberto. *Obra aberta*: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FLUSSER, Vilém. *A escrita*: há futuro para a escrita?. São Paulo: Annablume, 2010.

GOMES, Luiz Fernando. *Hipertextos multimodais*: leitura e escrita na era digital. Jundiaí: Paco Editorial, 2010.

HAYLES, N. Katherine. *How we read*: close, hyper, machine. 2010. Disponível em: [http://nkhayles.com/how\\_we\\_read.html](http://nkhayles.com/how_we_read.html). Acesso em: 1º set. 2020.

HAYLES, N. Katherine. *How we think*: digital media and contemporary technogenesis. Chicago: The University Of Chicago Press, 2012.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Editora 34, 1996.

LANDOW, George P. *Hypertext 3.0*: critical theory and new media in an era of globalization. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2006.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MANGUEL, Alberto. *O leitor como metáfora*: o viajante, a torre e a traça. São Paulo: SESC Edições, 2017.

MORETTI, Franco. Conjectures on world literature. *New Left Review*, jan./feb., 2000, v. 1, p. 54-68.

MORETTI, Franco. *A literatura vista de longe*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita*: a tecnologização da palavra. São Paulo: Papirus, 1998.

SÁ, Sérgio de. *A reinvenção do escritor*: literatura e mass media. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço*: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

VILLAÇA, Nízia. Impresso ou eletrônico?: um trajeto de leitura. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

WOLF, Maryanne. *Proust and the squid: the story and science of the reading brain.*  
New York: HarperCollins, 2007.

WOLF, Maryanne. *O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era.*  
São Paulo: Contexto, 2019.

**Data de submissão:** 14/07/2025  
**Data de aceite:** 08/09/2025